VERSÃO LIVRE DA CARTA DE MATIAS BECK SOBRE O CEARÁ

Henrique Gonzalez

Não posso deixar de endereçar algumas linhas a Vossas Altas Potências (os Estados Gerais).

Morei no país denominado Brasil mais de dezenove anos como humilde vassalo de V.A.P. e da Companhia Geral das Índias Ocidentais.

Devido às incessantes perturbações ocasionadas pelas guerras, decorridos longos anos, perdi grandes cabedais, o que é do conhecimento geral. Por último, com a rendição de nossas forças acabo de ver ir águas abaixo tudo o que me restava, podendo fornecer provas de meus prejuízos, inclusive a parte pertencente a amigos meus, que atinge mais de quatro tones de ouro.

Há mais de cinco anos que me venho dirigindo ao alto governo do Recife. . . maneira mais expressiva e de maior boa vontade nos serviços de V.A.P. e da Cia. das Índias Ocidentais.

Esforcei-me na expedição e no trabalho para localizar as minas de prata do Ceará, tendo sido diretor dessa expedição, em virtude de prerrogativas que me foram conferidas. O zelo, as atividades fatigantes, foram os recursos com os quais consegui, com pequeno número de homens que estavam a minha disposição, achar a mina, e meus esforços para prosseguir adiante, assim como meus desejos de obter melhores resultados, podem ser reconhecidos nas petições, nas cartas sem número que não me cansei de enviar, em todas as ocasiões ao alto governo do Recife, durante o tempo da minha chefia no Ceará.

V.A.P. poderão ver no "raport" encontrado junto a esta, tudo, que **fiz chegar ao conhecimento** das altas autoridades do Recife, tanto por **carta como verbalmente**, e para ser mais positivo e claro, peço que se **detenham no documento** em apreço.

Sempre confiei e tive esperança de cumprir meu dever o mais rápido possível, de levar mesmo a peito o levantamento dessa mina, em virtude das vantagens, das oportunidades, de colher os melhores e mais práticos resultados.

Bem longe estava de prever o deplorável fim com a queda do Estado inteiro, lamentando no momento, a perda dos meus haveres, tudo que possuía, e que, por negligência, me fez perder ótimas perspectivas, deixando de realizar conquistas e projetos apreciáveis, convertendo todos meus haveres em escravos negros, e em outras cousas indispensáveis àquele empreendimento. É devido a isso que toda guarnição e os homens que trabalharam na mina escaparam, muitas vezes, de perecer a fome. O resto é sabido. Portanto, depois do ano de 1649 até 1654, no meio de grandes dificuldades e provações, trabalhei demasiado no Ceará, frente a uma população bárbara e perigosa, tanto de brasilienses como de Tapuias.

Após ter visto a possibilidade de um bom e vantajoso resultado recebo a mais deplorável das notícias.

Os brasileiros que estão foragidos de Pernambuco, mais de 4.000 almas, de Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, chegados por terra para refugiar-se no Ceará, clamavam, dizendo que tudo acabava de ser vergonhosamente perdido e entregue, por assim dizer, sem resistência alguma aos portugueses.

Não se dispuseram jurar sem insurgir-se contra os alemães, a quem haviam fielmente servido e ajudado, durante grande número de anos, e agora, sem olhar o inimigo frente a frente, abandonam Itamaracá, com todas as fortalezas, Paraíba e Rio Grande, de modo que não terão mais esperança, pois vão cair no terreno da escravidão perpétua.

Era tal o estado em que estavam, de tensão, que enviaram antes corredores-correios (avant-coreurs) com ordem de massacrar os alemães no Ceará, sem poupar a vida a nenhum deles, em toda parte onde fossem encontrados.

Uma vez dominado o Ceará (os índios) não permitirão, nem aos portugueses, nem aos alemães, viver no meio deles, e se propõe fazer dali um local de descanso e de reunião.

Nosso armazém, nessa terra, não era fartamente provido, e nosso meio de subsistência, consistia, principalmente, na colheita próxima, por-

tanto, nos frutos recentemente plantados. Nossos soldados ficavam satisfeitos porque tinham folga no trabalho do armazém, o que lhes dava oportunidade de ir à caça e à pesca de modo fácil; outros, entretanto, buscavam cuidar das roças. E assim se explica como grande número de infelizes pereceu nas mãos dos brasilienses, diante da ordem de massacre total, em que mataram a sangue frio, todos os que encontraram desprevenidos. Quanto a mim, saindo várias vezes, assim como o major Garstman, para examinar as áreas cultivadas, escapamos por milagre, como também outros, que ficaram fora da nossa fortaleza. É certo que seriamos mortos nas suas garras, acossados pela fome, se não fosse Deus nos salvar misericordiamente, pois eu havia conduzido boa parte dos meus cavalos, vacas, porcos, e outros gados, a um local próximo da fortaleza, sob proteção de nossas peças de artilharia.

Em seguida fiz matar os animais para nos servir de alimento, e foi o que nos conservou a vida. Graças, também, a um barco da Companhia, que eu construíra no Ceará, e que antes fora enviado ao alto Governo do Recife. Para nossa maior felicidade voltou carregado de víveres, de maneira que o perigo da fome, que nos ameaçava, logo desapareceu.

Com esse barco chegou também uma embarcação portuguesa, trazendo trezentos e catorze soldados, tendo servido de comboio ao nosso.

Trazia cartas do alto governo do Recife com as capitulações concernentes ao acordo que acabavam de concluir com o Mestre-de-Campo e General português, e aceitavam a nos conformar, como V.A.P. poderão ver abaixo, na cópia aqui anexada, do alto governo do Recife.

Os brasilienses que nos vinham trucidar, vendo seus planos frustrados, imaginaram outra astúcia: queriam saber se os brasilienses de Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, procuravam estabelecer relações conosco, simulando ares de inocência aos massacres havidos, e procurando atribuir o morticínio aos brasilienses do Ceará. Esperavam que acreditássemos nisso, e déssemos fé às suas insinuações, deixando a nossos soldados a liberdade de sair da fortaleza, e desse modo teriam ocasião de trucidar o resto. Como haviam cometido crueldades queriam agora encerrar o massacre, surpreendendo-nos dentro da fortaleza, antes que as tropas portuguesas chegassem. Não tiveram chance de realizar o sinistro plano, pois, com a chegada de uma caravela portuguesa, que trazia um capitão-mor, seis capitães-de-tropa, e mais cento e cinqüenta soldados, tanto brancos como brasilienses, mula-

tos, mamelucos, e negros, sentimo-nos garantidos, mas fomos obrigados a entregar a fortaleza, de conformidade com uma segunda ordem do alto governo de Recife, cujo documento é encontrado junto.

Os brasilienses estão contra nós, e foi necessário escolher entre dois males o menor. Após haver deixado entrar a guarnição portuguesa, que nos vinha render, em 20 de maio (de 1654), embarcamos em uma caravela e dois barcos em de junho, partimos para as pequenas Índias, resolvidos (os brancos), a viajar juntos até a Martinica.

A falta de acomodação nesses transportes tornou impossível salvar outra cousa a não ser a nossa pessoa, e uma caixa com roupas (coffret), se bem que, antes da nossa partida, houve chance de recuperar nossos negros das mãos dos brasilienses, pois, sendo quarenta homens vigorosos e maus, os brasilienses do Ceará foram influenciados. Não nos devolveram um só. Após nossa partida os portugueses compraram os escravos pela metade do preço, de modo que saí do Ceará despojado de tudo o que era meu.

Teria imenso prazer em enviar já, agora, a descrição detalhada do que se passou, e em que estado deixamos tudo, no momento da nossa partida, mas minhas anotações, meus escritos, estão acondicionados, embrulhados, não sendo possível retirá-los. Desisto, pois, desse intento, até supremo momento, em que praza ao senhor Deus, me ocorra a lembrança de ir pessoalmente relatar a V.A.P. todos os pormenores.

Sem dúvida que gostaria de descrever, neste momento, todas as particularidades da longa viagem, difícil e extremamente penosa, que tivemos, desde nossa partida do Ceará até Barbados, e os demais obstáculos.

Com a aproximação do inverno diminui a possibilidade de me deter aqui a Primavera, mas não faltarei em atender, como disse acima, fazendo chegar algumas linhas às suas mãos, a fim de que saibam que só entregamos o Ceará com a ordem, após aprovação de todas hostilidades mencionadas, dos brasilienses. E se os portugueses que nos substituíram no Ceará, não receberem mais forças do que aquelas que tinham no momento, espero que os brasilienses do Ceará cumpram sua promessa de matá-los, surpreendendo-os como desejavam fazer diante de nossos olhos. O tempo deverá nos informar se isso confirmou-se. Em todo caso creio que os brasilienses não tardarão muito em enfileirar-se ao nosso lado, necessitando apenas o envio de ordem enérgica (force de consequence) sobre a qual eles se possam fiar. E não deixarão de acreditar que V.A.P. não entregarão um grande

e importante país nas mãos de um grupo de devassos, ainda que a Companhia das Índias Ocidentais não tenha a força necessária.

Não duvidamos que V.A.P. vão recuperar a luta com a melhor chance de sucesso. E se o bom Deus preferir dispor dos corações de V.A.P. retomar este "affaire", e reconquistar o país, será necessário em primeiro lugar, distribuir as terras incultas, **de qualquer modo** (et ce pour e ce pour tout jamais) com direito hereditário e com liberdade de comércio.

De resto, V.A.P. saberão, melhor do que eu, o que convém no caso, de sorte que me considero muito insignificante para abaixo de tudo.

Somente desejaria, se aprouver o senhor Deus, que antes de morrer, eu ainda possa achar oportunidade de servir V.A.P. na recuperação do Brasil. Aproveitarei o momento para escrever aos meus amigos da Holanda, se for enviada força suficiente ao Brasil, para procurar então, malgrado a ausência, desobrigar-me de me recomendar a V.A.P. E em se apresentando ocasião em que eu possa desempenhar algum cargo no Ceará, ou alguma circunstância honrosa que seja, para a qual me julguem capaz, me encontrarão sempre disposto a recomeçar.

É este (Brasil) o melhor país, o mais bem situado, o mais forte, o mais cômodo que se pode desejar para a Holanda. Cultivado com a liberdade que indiquei poderá fazer-nos prosperar, e então será em pouco tempo povoado de habitantes de nossa própria nação, e de nações vizinhas, para impedir que os portugueses façam o que estão fazendo. Também nada poderão conseguir com sua astúcia, se o país estiver povoado da maneira que indiquei.

Existe muita gente com prevenção, afirmando que o Brasil não pode ter nenhuma utilidade para a Companhia, nem para o Estado, sem os portugueses, porque nós não possuímos, como estes, a arte e a experiência em cultivar (a cana) e apresentar, no seu estado de perfeição, os açúcares.

Ao contrário. Está provado pelas Ilhas, sobretudo Barbados, que não existe, um lugar, e muito menos um país, que possa ser comparado ao Brasil, isso não impede, entretanto, como eu tenho visto, haver açúcar mais branco, mais bonito, como jamais foi feito no Brasil, produzido em Barbados, sem haver necessidade do concurso das mãos portuguesas.

E existem mais de trezentos engenhos, muito melhor montados que do Brasil. O açúcar é ordinariamente o mascavo, porque oferece mais vantagens do que o branco, e se carrega mais de cem grandes navios, o que constitui a exportação registrada anualmente.

— Que ocorrerá no Brasil se houver a mesma liberdade? E os pobres portugueses, mestres do açúcar, e aqueles que vivem da sua fabricação no Brasil, gostam de viver de preferência com os alemães aos portugueses, pois são melhores tratados, e mais bem pagos.

Em geral, a maior parte dos artesãos e outros da classe operária, desejam viver com os alemães em lugar dos portugueses, porque podem ter liberdade pelas razões que venho de expor.

A ilha de Barbados, ela somente, pode fornecer, pelo menos, quarenta mil homens com armas, no meio dos quais dez mil a cavalo, todos habitantes. Esta ilha que só tem de extensão quinze léguas, o que é, por demais sabido. E o Brasil que tem centenas de léguas de extensão não poderá fornecer este número em curto prazo de tempo se não houver cuidado de o povoar seriamente.

Muitas pessoas vieram ao Brasil com a resolução de aqui fixar residência porque ignoram o que poderão fazer na Holanda.

O príncipe de Courland tomou posse da Ilha de Tóbago, que acabamos de tocar por causa da perda da nossa direção, de sorte que passamos mais de seis semanas, antes do caminho de Barbados, com um grande navio do mesmo príncipe de Courland, que achamos.

Aproveitei ocasião para examinar a Ilha, que ao redor é da mesma extensão de Barbados, a pedido do sr. Diretor. Ele é o encarregado de povoar e cultivar esta ilha (concedendo) a um capitão 300 jeiras francesas de terra, cada jeira francesa de 300 varas carregadas, e cada jeira de 13 pés de Rhinland.

Darão: ex:	a um tenente	240 jeiras francesas de terra
	a um insígnia	210 " " "
	a um sargento	180 " " "
	a um caporal (cabo)	150 " " "
	a um liberado	120 " " "
	a um simples soldado	

valet (bagageiro)	60	"	"	"
a um escravo	30	"	"	"

e assim, segundo sua capacidade, circunstância, e tempo, com direito hereditário. Os três primeiros anos não terão nenhuma contribuição, porém expirando esse prazo, começará a ser pago como os outros sitiantes em seus contratos, e isso não é pouca cousa. O referido diretor (das terras) do príncipe de Courland levantou uma fortaleza com 7 peças de canhão, e uma companhia de soldados, e aguarda ainda mais forças.

Esta Ilha Barbados é fortemente povoado havendo basto arvoredo cultivado (florestas) e apesar de tudo, falta lenha para seus engenhos, calor indispensável à perfeição dos seus açúcares, como aconteceu, e então querem abandonar a cultura da cana, e plantar, em lugar disso outras espécies em suas terras, como algodão, gengibre, anil, e ainda outros. Muitas terras estão sendo transformadas em campinas.

Alguns não querem abandonar a produção de açúcar, que duplica o consumo de óleo e de carvão, que eles mandam vir da Inglaterra. Algumas pessoas que fazem a navegação para o Brasil, têm saido daqui, seguindo para Tóbago.

Assim a muitos habitantes de Tóbago, o príncipe Courland determinou dar a cada um, segundo sua capacidade e circunstância, o número de jeiras abaixo indicado, mas a muitos dos seus sitiantes, fornece escravos, que manda procurar pelos navios expressos da Guiné. O sitiante resgatará o valor desses escravos aos poucos, e mesmo lhe poderá pagar com produtos da terra plantada por eles.

Eu pergunto a V.A.P. se o Brasil não superaria tudo se as terras inabitadas e incultas fossem distribuídas desde o começo, dessa maneira, na proporção de lugares e circunstâncias?

E segundo toda probabilidade, não seria apenas um país excelentemente povoado, mas um lugar onde se poderia encontrar uma boa frota de grandes navios cargueiros, que anualmente trariam sua carga. É uma ilha de tal modo e o Brasil poderia fornecer anualmente carga para mil navios.

Que proveito maior se pode desejar de um país em que a prosperidade, a segurança e a conservação não somente existem, mas os bravos

habitantes do país, e de outros lugares da Holanda, tiram proveito e prosperam abertamente.

Se for possível recuperar tudo com vigor e colocar no mesmo pé que venho de indicar, será uma obra maior e melhor, que muitas pessoas não acreditam sem explicação mais completa.

Eu me referi no momento, apenas ao que precede, a fim de evitar desusada prolixidade, que me impeça que eu perca o ânimo para concluir e demonstrar ainda, mais uma vez, a V.A.P. (os Estados Gerais). Ao começar minha carta relatei as grandes perdas que venho de provar, pela parte desse Estado inteiro de conquistas do Brasil, e a grande tristeza e dor, por meus interesses perdidos.

Junto isso aos cinco anos de serviços no Ceará, e apesar de ter ganho alguma cousa, perdi mais de trinta mil florins, que foi possível tomar com meus documentos. A documentação eu remeto agora junto com esta carta aos amigos da Holanda, com o mais vivo interesse de fazer chegar ao conhecimento de V.A.P. e de solicitar humildemente o necessário, a fim de que não me veja retido aqui, por causa das despesas em apreço. É por isso que me dirijo a muitos dos meus amigos as orações necessárias, que farei referência, para ser mais curto, e pedirei a Deus, o Senhor, para conservar V.A.P. por muitos anos em saúde e prosperidade, de entregar feliz e, propiciamente, Vosso reino, para o bem-estar e conservação de nossa querida pátria e sob sua proteção misericordiosa. Depois apresentar a V.A.P. minhas humildes e respeitosas homenagens enquanto viver.

Hauts e Puissants Seigneurs! Monsieurs!
De Vos Hauts Puissance
L'umble Vassal et Serviteur
(assinado M. Beck)

Da Ilha de Barbados, em 8 de outubro de 1654.

O senhor major Garstman, comandante militar da milícia do Ceará, que partiu em minha companhia num dos barcos da nossa viagem forçada e que, após quarenta e oito horas de viagem antecipou-se na direção da Ilha da Martinica, retirou-se deste mundo por uma doença antes da minha chegada à Ilha de Barbados, de sorte que não o mais vi. E como deixou ao

seu **insignia** Roberto Bruyn ordens a respeito da sua sucessão, com as quais ele partiu para a Pátria, e não poderia dar nenhuma informação, de sorte que, citando-o, peço a Deus de conceder a ele e a nós todos, que lhe seguiremos um dia uma bem feliz ressurreição, no dia do julgamento final.

Incluso envio a V.A.P. cópia do diretor, governador da Ilha de Tóbago, enviada àquele Roberto Bruyn, referente à condição sob a qual serão distribuídas as terras na dita ilha a todos aqueles que podem se estabelecer sob proteção de Sua Alteza o príncipe de Courland.